



**Fazer turismo em tempos de guerra
As viagens pelo Brasil do galego José Casais entre 1937 e 1939**

Tourism in times of war
The travels through Brazil of the Galician José Casais between 1937 and
1939

Antón Corbacho Quintela¹

0000-0002-8803-3717 

Liz Fernandes de Paula²

0009-0002-0417-5791 

¹ Departamento de Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Brasil.

² Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Brasil.

Autor correspondente: corbachoq@ufg.br

Resumo. O Estado Novo (1937–1945), no Brasil, reprimiu quaisquer articulações dos imigrantes espanhóis em prol da II República durante a Guerra Civil Espanhola e evitou a chegada de exilados da Espanha. Dentro desse contexto, estudaram-se, mediante uma pesquisa documental, as ações do professor e pesquisador galego José Casais, quem, após a exoneração do cargo que desempenhava na Embaixada da Espanha em Buenos Aires, refugiou-se no Brasil e, evitando posicionamentos partidários, dedicou-se a fazer turismo pelo país até a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Considera-se que no livro de viagem documentado com fotografias *Un turista en el Brasil*, publicado em 1940, José Casais pôs em prática a sua compreensão da categoria turismo moderno. Essa obra contém também a primeira narração em que Santiago de Compostela, associada à distinção e à tradição, é usada como a referência para a recomendação de um destino turístico no Brasil, sendo ele a Cidade de Goiás. Considerando o *habitus* de Casais, procurou-se entender, por um lado, como se materializou a aplicação, nos roteiros realizados, da categoria turismo moderno e, por outro, que elementos foram usados para justificar o traçado de paralelismos entre as duas cidades – Compostela e Goiás, recomendando, em consequência, a incorporação da antiga capital goiana aos itinerários do novo turismo.

Palavras-chave: Turismo. Imigração galega no Brasil. Guerra Civil Espanhola.

Abstract. The Estado Novo (1937–1945), in Brazil, repressed any articulation by Spanish immigrants in favor of the II Republic during the Spanish Civil War and prevented the arrival of exiles from Spain. Within this context, we studied, through documentary research, the actions of the Galician professor and researcher José Casais, who, after being dismissed from the position he held at the Spanish Embassy in Buenos Aires, took refuge in Brazil and, avoiding partisan positions, dedicated himself to touring the country until Brazil's entry into the Second World War. It is considered that in the travel book documented with photographs *Un turista en el Brasil*, published in 1940, José Casais put into practice his understanding of the modern tourism category. This work also contains the first narration in which Santiago de Compostela, associated with distinction and tradition, is used as the reference for recommending a tourist destination in Brazil, the City of Goiás. Considering Casais' *habitus*, we sought to understand, on the one hand, how

the application of the modern tourism category materialized in the itineraries carried out and, on the other, what elements were used to justify the drawing of parallels between the two cities – Compostela and Goiás, recommending, consequently, the incorporation of the old capital of Goiás into the new tourism itineraries.

Keywords: Tourism. Galician immigration to Brazil. Spanish Civil War.

1. Introdução

Quando, em abril de 1939, terminou a Guerra Civil da Espanha, residiam no Brasil 147.914 espanhóis, segundo os dados do recenseamento de 1940 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950, p. 14); desse montante, conquanto pelos levantamentos de que se dispõe seja inviável precisar, aproximadamente 60% eram galegos. Excetuando umas poucas dezenas de diplomatas, cooperantes e missionários, essa quantidade refere-se a imigrantes, pois, durante o conflito, o Brasil não tinha autorizado o desembarque de sujeitos a procura de asilo político. Infere-se que, além dos efeitos que a contenda causou nas relações bilaterais e na opinião pública brasileira, esse considerável número de trabalhadores estrangeiros foi, em diversos graus, envolvido e afetado durante essa guerra civil.

As relações diplomáticas entre a Espanha e o Brasil foram ficando tensas poucos meses depois da proclamação da II República no estado ibérico e se embaraçaram uma vez iniciado o confronto. Inclusive, o primeiro agente cultural destinado ao Brasil por um Governo da Espanha, o murciano Domingo Rex Muñoz (Fernández Rubio, 2022), foi banido. Ele chegara ao Brasil em abril de 1936, a serviço da Junta de Relações Culturais do Ministério das Relações Exteriores da República Espanhola, para oferecer cursos públicos e gratuitos de castelhano e desenvolver tarefas de divulgação cultural no Estado de São Paulo (Correio de S. Paulo, 1937, p. 3), embora isso tenha derivado, iniciada a Guerra Civil Espanhola, em conferências em defesa da causa republicana.

Esse posicionamento valeu a Rex Muñoz a sua detenção e a expulsão do país, retornando a Espanha no início de 1938, indiciado por, sob a sua condição de professor e de representante do governo republicano, proferir inadmissíveis discursos enaltecendo a II República. Trata-se do único agente cultural a serviço de um governo espanhol banido pelas autoridades brasileiras, tendo sido classificado, pela Segurança Pública, como agente socialista subversivo e um agitador da colônia espanhola de São Paulo (Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2024). No entanto, passou à história como o executor do primeiro plano de uma repartição consular procurando direcionar as representações da Espanha que cabia divulgar no Brasil; assim, em julho de 1936, três meses após se instalar profissionalmente na cidade de Santos, Domingo Rex publicou, em espanhol, o livro *A través de España y otros ensayos* (Rex, 1936), em cuja apresentação se informava de que a finalidade da obra era “el deseo de perpetuar los primeros ensayos de expansión cultural que, de una manera metódica y perseverante, empieza España a realizar en esta hospitalaria tierra del Brasil” (Rex, 1936, p. 7). Contudo, considerando o destino tido pelo professor Domingo Rex fica patente que essa expansão cultural visada por ele não estava em conformidade com o teor tolerado pelas autoridades brasileiras.

A tensão entre os governos do Brasil e da Espanha foi em aumento a partir do início da guerra ao mesmo tempo em que, por parte das autoridades brasileiras, se tentava impedir que os imigrantes espanhóis criassem associações que se envolvessem ideologicamente com os partidos políticos da Espanha. Nos livros *República espanhola: um modelo a ser evitado* (Souza, 2001), *Solidariedade internacional* (Souza, 2005) e *Espanhóis: história e engajamento* (Souza, 2006), Ismara Izepe de Souza analisou a repressão havida durante a presidência de Getúlio Vargas perante a mobilização dos imigrantes quando eclodiu o conflito civil na Espanha. Essa repressão fez com que, de fato, as associações, os periódicos e os programas radiofônicos mantidos pelos imigrantes espanhóis tivessem que evitar manifestações partidárias e ideológicas, o qual, embora em menor medida, também afetou as associações em prol do bando sublevado, conforme Eliane Venturine (2020) mostrou no artigo “Falange espanhola no Brasil”.

Embora o regime varguista reprimisse as manifestações partidárias relativas à Guerra Civil espanhola e controlasse, mediante o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, as notícias a respeito, autorizou a publicação de duas obras sobre o conflito. A primeira delas foi o livro de crônicas *Espanha em sangue... – o que vi e sofri*, do jornalista católico Joaquim Soares d’Azevedo (1936), quem estava em Madri quando estourou a sublevação e assistiu à organização da resistência pelo governo da Frente Popular. Esse autor relatou que o que viu em Madri foi a destruição da civilização como consequência da inação do governo e da perversão do povo pelo comunismo e pelo anarquismo.

A segunda obra foi o ensaio *Espanha (Gênese da revolução)* (Las Casas, 1937), publicado no Rio de Janeiro pelo galego Álvaro de Las Casas. Essa obra serviu a Las Casas para assinalar que a sua chegada ao Brasil era consequência dessa “revolução” – a Guerra Civil Espanhola – e para justificar, da sua interpretação das ciências políticas, como a desestruturação de uma sociedade podia provocar uma guerra. A nítida adesão de Las Casas à Espanha Nacionalista pode ser verificada no encerramento do ensaio quando ele, dois anos antes da vitória do bando sublevado, vaticinou o seu sucesso:

...porque o seu exército é mais disciplinado e regular, seus comandos mais técnicos e hábeis, a massa que os segue mais apaixonada na sua fé e mais disposta ao sacrifício, e as ajudas com que contam mais decididas e largas. (Las Casas, 1937, p. 230)

O Governo de Getúlio Vargas oficialmente só reconheceu no dia 1º de março de 1939 as forças do general Franco como o legítimo governo espanhol; Luis Amador Sánchez, último cônsul da II República Espanhola no Rio de Janeiro, em *El llanto de los hombres* (1944, pp. 14–16), relatou a entrega, no Itamaraty, das chaves da Embaixada e do Consulado espanhóis, simbolizando, assim, o final da presença diplomática da República Espanhola no Brasil. Todavia, desde o início da guerra o presidente Vargas tinha mostrado a sua simpatia pessoal pelo general Franco, como o revelou o envio, como presente, de 600 toneladas de café para as suas tropas em outubro de 1936, um envio comprovado pela carta de agradecimento que remeteu Franco a Vargas aos 29 de outubro de 1936 (Fundação Getúlio Vargas, s.d.).

Em consequência, devido à repressão tanto contra os imigrantes espanhóis enquadrados pela polícia como anarquistas ou comunistas quanto contra as associações que promoviam atividades em prol da causa republicana espanhola, o Brasil não foi um destino visado pelos espanhóis que procuravam asilo. Além do mais, a repressão do regime varguista contra os imigrantes espanhóis republicanos e os seus centros foi efetiva e derivou em que, até a redemocratização da Espanha no final da década de 1970, só um clube em todo o Brasil, o Centro Galego – Centro Democrático Espanhol, na cidade de São Paulo, mantivesse, dentro da sua missão, a oposição e denúncia contra a ditadura franquista (Gattaz, 1996).

A desestruturação da oposição frente ao bando sublevado e ao franquismo posterior entre os imigrantes espanhóis e, particularmente, no caso da cidade de Salvador (Bahia), a decidida adesão a esse regime pela maioria dos imigrantes galegos foram matéria de uma novela. Em 1987, Néelson Correia de Araújo publicou *Vida, paixão e morte republicana de Don Ramón Fernández y Fernández* (Araújo, 1987), em que expôs a dramática biografia de quem teria sido, na ficção, o único galego republicano e socialista de toda a colônia de imigrantes espanhóis da capital de Bahia, retratada como um conjunto de sujeitos reacionários e ignorantes que marginalizou o republicano “Ramón Fernández”.

Nessa circunstância, não caberia esperar que entre 1931 e 1945, isto é, no período que vai da proclamação da II República Espanhola ao final da II Guerra Mundial e à queda do Estado Novo pudesse agir com liberdade em território brasileiro um agente cultural espanhol contrário às diretrizes da Era Vargas. Essas diretrizes permitiram, no entanto, que se desenvolvesse parcialmente o plano de intercâmbio cultural concebido pelo falangista Raimundo Fernández Cuesta, primeiro embaixador da Espanha Nacionalista no Brasil, chegado ao Rio de Janeiro no dia 26 de abril de 1940.

Recorrendo à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, observa-se que Fernández Cuesta, em 31 de julho de 1940, patrocinara a palestra “Um passeio pela Espanha literária”, de Alarcón Fernández, no Liceu Literário Português (A Noite, 1940, p. 4), promoveu uma exposição de pintura espanhola no Museu Nacional de Belas Artes no dia 1º de outubro desse ano (A Noite, 1940, p. 6) e ministrou a palestra “O Cid: a alma de Castela” (El Cid, 1940, p. 12), no dia 6 de dezembro, na Associação Brasileira de Imprensa em cerimônia presidida por Lourival Fontes, diretor do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural da presidência de Getúlio Vargas. O texto da palestra foi divulgado em livro, no ano seguinte, no Rio de Janeiro, por “um grupo de amigos e admiradores do autor” com o título *El Cid o el alma de Castilla* (Fernández, 1941). No ano 1941, no dia 12 de julho de 1941, Fernández Cuesta desenvolveu a conferência “A Espanha Romana” no Salão Mussolini da Casa da Itália (A Noite, 1941, p. 4).

No entanto, embora da Embaixada de Espanha no Rio de Janeiro se promovessem sobretudo atividades vinculadas ao repertório da cultura falangista, couberam também, entre o final da década de 1930 e durante a década de 1940, ações de difusão cultural relativas ao repertório cultural galego. É claro que o requisito foi que a sua promoção estivesse a cargo de sujeitos que nem discursassem contra a unidade nacional espanhola nem planejassem ou apoiassem atividades de subversão no Brasil. Uma pessoa ordeira que, para as autoridades brasileiras, durante os dois anos e oito meses em que, em duas

estádias, permaneceu no Brasil, não representou uma ameaça para o status quo, foi o mencionado Álvaro de Las Casas (Ourense, 02.07.1901 – Barcelona, 08.03.1950), quem, devido à respeitabilidade alcançada, entrevistou, aos 11 de junho de 1939, o presidente Getúlio Vargas para o diário *El Mercurio*, de Santiago de Chile (Costa, 1943, pp. 286–96).

A sua ideologia permitia a Las Casas, em 1937, publicar no *Diário de Pernambuco* artigos sobre a poesia galega (“A antiga poesia galega” [1937, p. 16]; “Os poetas galegos de hoje” [1937, p. 15]) e participar em um programa radiofônico na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, posicionando-se explicitamente sobre a Guerra Civil Espanhola a favor no bando sublevado (A Noite, 1937, p. 8). Doze anos depois, na reunião plenária do “Congresso Brasileiro de Língua Vernácula”, na Academia Brasileira de Letras, Las Casas fazia a “saudação do idioma galego à língua nacional” (O Jornal, 1949, p. 6) e, no início de 1950, no Salão do Copacabana Palace na palestra “Nostalgia da Vila Coroadá (Roteiro Sentimental de Madri)” evocava a vida na Espanha no reinado de Alfonso XIII (A Noite, 1950, p. 12). A cultura galega, portanto, contou durante os anos da Guerra Civil Espanhola e durante a primeira década do regime franquista, com um divulgador no Brasil, mas se tratava de um intelectual conservador e apologista dos regimes autoritários.

No levantamento realizado sobre as relações culturais entre a Galiza e o Brasil nas décadas de 1930 e 1940 foi identificado, no entanto, um intelectual que, evitando qualquer envolvimento ideológico, dedicou-se a um labor que anteriormente não tinha feito parte do seu métier: o turismo. Trata-se de José Casais Santaló (Santiago de Compostela, 27.08.1894 – Juiz de Fora [Minas Gerais], 31.08.1971); ele tinha sido exonerado como funcionário da embaixada de República Espanhola na Argentina e fora também rejeitado na representação diplomática que o bando sublevado constituía nesse país. Em consequência, em 1937 partiu para o Brasil, onde passou os seguintes cinco anos dedicando-se a explorar as potencialidades turísticas do país e onde visitou uma cidade – a Cidade de Goiás – que o fez evocar Santiago de Compostela, em cuja Faculdade de Direito fora professor.

A seguir, expõe-se o resultado de uma pesquisa documental que procurou entender, em primeiro lugar, as motivações que conduziram Casais a assumir a condição de um excêntrico intelectual estrangeiro que, percorrendo o Brasil, se especializou em turismologia. Em segundo lugar, com base em três livros publicados por ele – *Un turista en el Brasil* (Casais, 1940), *Congonhas do Campo* (Casais, 1942a) e *Roteiro balneário* (Casais, 1942b) – visa-se a entender a concepção do turismo por ele defendida. Finalmente se expõe por que de uma única cidade brasileira – a Cidade de Goiás – traçou paralelismos com a sua Compostela natal; a respeito, partiu-se das ponderações sobre a influência, em uma comunidade, dos discursos de visitantes forâneos que foram expostas por John Urry em *O olhar do turista* (Urry, 2001). Considerou-se de interesse a trajetória de José Casais porque mostrava como, apesar da tragédia e do fastio de uma guerra, do isolamento a respeito da sua comunidade nacional e do rompimento com a sua trajetória profissional, um sujeito pôde reinventar o seu modo de vida traçando, inclusive, a partir da reflexão sobre o turismo, conexões com o seu país de origem.

2. José Casais: de professor na Universidade de Santiago de Compostela a turismólogo no Brasil

Antes de analisar a compreensão que tinha José Casais do turismo, é preciso entender por que ele abandonou a sua carreira diplomática, por que escolheu o Brasil como destino para a sua nova vida e por que, em 1942, encerrou as suas publicações como turismólogo, só voltando a publicar um livro em 1963, dedicado à enologia: *O champagne e... os “champagnes”* (Casais, 1963). Para essa reconstrução da trajetória de José Casais no Brasil recorreu-se a três fontes. Em primeiro lugar, a um paratexto – o prólogo – do livro *Un turista en el Brasil*. Em segundo lugar, à matéria que contém a primeira entrevista a Casais publicada no Brasil (A Noite, 1937, pp. 1–4) e, em terceiro lugar, aos dados sobre Casais contidos no livro *Historias de procesalistas, universidades y una guerra civil (1900–1950)* (Cachón, 2012), de especial interesse para esclarecer as causas do estabelecimento de Casais no Brasil e do seu não retorno a Espanha.

O prólogo acima mencionado é da autoria do filólogo Antenor Nascentes (1940, pp. 5–8), quem, no momento de escrevê-lo, além de docente do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, no qual tinha sido o primeiro professor de língua espanhola, já publicara dois livros de viagens, *Num paiz fabuloso* (Nascentes, 1934) e *América do Sul* (Nascentes, 1937). Nascentes, no prólogo, comenta que tinha conhecido casualmente Casais, sem precisar a data, na Embaixada de Espanha em Santiago de Chile e que travaram amizade dialogando sobre a cidade do Rio de Janeiro e sobre a Baía da Guanabara. Reencontraram-se, um ano depois, no Rio de Janeiro e Nascentes fez de cicerone para Casais. De Casais traça, no prólogo, a seguinte primeira apresentação do qual se infere que entre ambos a comunicação era em castelhano:

D. José Casais é um galego cem por cento. Nasceu na cidade de Santiago de Compostela, tão célebre nos tempos medievais por causa das peregrinações que lá iam venerar o túmulo do Apóstolo. Tem honra de dizer-se “gallego, gallego y gallego”. (Nascentes, 1940, p. 6)

Após essa primeira apresentação de Casais, Nascentes informa do currículo acadêmico e profissional do seu amigo – “homem de fina educação e de brilhante intelecto” – antes de ele se assentar no Brasil. Assim, indica que se graduara em Direito na Universidade de Santiago de Compostela e que se doutorara pela Universidade de Madri, completando a sua formação na Itália e na França. Salienda que passara no concurso para professor de Direito Público e Economia na Universidade de Santiago de Compostela, mas que, pouco depois, tinha deixado esse cargo ao completar a sua formação na Escola de Altos Estudos de Madri e ser aprovado em um concurso para assessor do Instituto de Reformas Sociais dessa cidade, onde também exerceu a advocacia. Foi remanejado para o Ministério de Trabalho, Comércio e Indústria, posteriormente para o de Indústria e Comércio, de onde, havendo concursado para o corpo de adidos comerciais às embaixadas, foi servir, como adido comercial adjunto, na embaixada de Espanha em Paris, Marrocos, Santiago de Chile e Buenos Aires. Das

publicações de Casais, Nascentes destaca as monografias “El Contrato de trabajo” e “Emigración española y particularmente gallega a Ultramar”.

A chegada de Casais ao Brasil é explicada por Nascentes como se segue:

Os acontecimentos que durante mais de dois anos ensanguentaram a Espanha, privaram-na de tão prestimoso auxiliar. D. José, em trânsito pelo Brasil por quinze dias, aqui se deixou ficar há perto de dois anos e sabe Deus quando nos abandonará! (Nascentes, 1940, p. 7)

Nesse sentido, é preciso apontar que o “deixar-se ficar” mencionado por Nascentes esteve em consonância com os requisitos do Ministério das Relações Exteriores do Brasil para que isso acontecesse dentro da legalidade. A autorização recebida por Casais permitiu-lhe ser recebido, em abril de 1938, como autoridade pelo Itamaraty, por segunda vez, conforme se pode ler no *Relatório* sobre o ano 1938 desse ministério, no item “Visitas de missões especiais e hóspedes ilustres ao Brasil” (Brasil - Ministério das Relações Exteriores, 1943, p. 41): “Recebemos a visita, em abril, do professor José Casais y Santaló, hóspede oficial do Estado de Minas Gerais, onde visitou as principais cidades”. Previamente, no dia 12 de janeiro, fora recebido pelo ministro, Mário de Pimentel Brandão, na sua qualidade de “antigo Adido Comercial da Espanha em Buenos Aires” (Jornal do Brasil, 1938, p. 6).

Sobre *Un turista en el Brasil*, o primeiro livro publicado no Rio de Janeiro por Casais, Nascentes destaca o seguinte:

De sua permanência no Brasil resulta agora este livro em que expande o que sente a respeito do nosso país. Nenhum estrangeiro conheci mais entusiasta do Brasil, mais crente no futuro nosso, mais respeitador das nossas leis, mais conhecedor de psicologia do nosso povo. Seus dotes de cavalheiro bem educado granjearam-lhe a simpatia e a amizade dos círculos sociais e governamentais do Espírito Santo, de Minas Gerais e de Goiás. O livro é um espelho de tudo quanto acabei de afirmar. Adornam o mesmo duas centenas de fotografias, tiradas todas pelo autor e escolhidas dentro de milhares, dificilmente escolhidas, tão belas são as componentes do arquivo. O que outros artistas fazem com o pincel e com o lápis, D. José Casais pratica com a máquina fotográfica. Muitas das fotos são verdadeiras obras de arte. (Nascentes, 1940, p. 7)

Nascentes completa a sua apresentação indicando que “Conhecendo como hoje conhece o nosso país e aproveitando os pendores para estudos econômicos, pretende D. José dar-nos uma obra de fôlego em que estude, à luz de boas estatísticas, a posição do Brasil no concerto econômico mundial” (Nascentes, 1940, p. 7). Por outro lado, os louvores de Nascentes às fotografias de Casais fizeram com que, nesta pesquisa, fosse procurado se na imprensa tinham sido veiculadas notícias cerca do labor de Casais como fotógrafo. De fato, os três livros de Casais sobre o turismo e um folheto monográfico intitulado *Lambari: a cidade das águas virtuosas* (Casais, s.d.) são ilustrados por numerosas fotografias tiradas pelo próprio Casais com uma Leica, sendo *Un turista en el Brasil* a obra com mais ilustrações – 193 fotografias dentro de um total de 238 páginas.

A inserção de fotografias nos seus textos sobre o turismo conduziu a que, na imprensa, foram encontradas durante esta pesquisa abundantes matérias com o labor fotográfico de Casais. Assim, a *Revista da Semana*, em 12 de novembro de 1938, escolheu para a sua capa uma fotografia de Casais justificando, como se segue, a eleição:

A Revista da Semana, que já ofereceu aos seus leitores fotografias do Dr. José Casais, reproduz hoje na capa, pela vez primeira, um dos excelentes trabalhos desse cavalheiro, que tem lugar destacado no mundo aristocrático.

Nessa fotografia esplêndida, a visão artística do Dr. José Casais soube concentrar o movimento e a quietude, a sombra e o céu aberto, o perto e o longe, conjugando os mais heterogêneos elementos dentro de um verdadeiro quadro. (Revista da Semana, 1938, p. 29)

Em Belo Horizonte, segundo informa em 30 de agosto de 1940 o diário *A Noite*, Casais “realizou uma Exposição de Fotografias do país, notadamente de aspectos da vida mineira, no salão do Touring Clube” (*A Noite*, 1940, p. 7) e, em novembro de 1943, a carioca *Vida Doméstica* publicou uma reportagem com texto e fotografias dele intitulada “Congonhas do Campo e a sua tradição religiosa” (Casais, 1943, pp. 64–65).

Todavia, ainda que Nascentes tivesse anunciado que Casais estava preparando uma obra que ultrapassasse as questões do turismo, uma obra sobre “a posição do Brasil no concerto econômico mundial”, não é possível averiguar, pelas notícias na imprensa brasileira, se esse plano chegou a se concretizar. Tratava-se, no entanto, de um plano que não tinha sido comunicado unicamente a Nascentes. Em 7 de abril de 1940, o *Jornal do Commercio*, em matéria intitulada “Visita do escritor hespanhol José Casais” (*Jornal do Commercio*, 1940, p. 10), informava que Casais tinha recebido um convite do diretor da Academia Brasileira de Letras – ABL, Afrânio Peixoto, para assistir a uma sessão da ABL. Previamente, Casais entregara à ABL um exemplar de *Un turista en el Brasil* do qual Afrânio Peixoto, segundo esse diário, comentara o seguinte:

...suntuoso volume, cheio de ótimas gravuras, tiradas pelo autor, que é tão artista na fotografia ou na paisagem como na escrita ou descritiva. O livro só tem um senão: é a modéstia do título, *Un turista en el Brasil*. Título de sábio europeu; se fosse americano, seria: “O esplendor dos trópicos”, “O Brasil inédito”, “A cidade, o sertão e a floresta...”. Mas, se assim fosse, seria título sem o miolo. O conteúdo do livro é daqueles que dão vontade de ler, sabe escrever e sabe perdoar a imperfeição para guardar o encanto da novidade e comunicá-la ao seu leitor. As informações sábias, documentais, históricas, geográficas, estatísticas abundam e o leitor toma um curso de coisas brasileiras desse viajante de arte e de ciência que tão bem soube ver céus, campos e gentes do Brasil. (*Jornal do Commercio*, 1940, p. 10)

A matéria é concluída destacando que Casais agradeceu as palavras de Afrânio Peixoto e revelando que ele se estava dedicando a “recolher informes” para escrever um livro que se intitularia “O Brasil como potência mundial” (*Jornal do Commercio*, 1940, p. 10), ou seja, um trabalho, análogo ao mencionado por Nascentes, que não acabou se materializando. Pelas notícias na imprensa, fica patente que os três livros publicados por Casais entre 1940 e 1942 – *Un turista en el Brasil*, *Congonhas do Campo* e *Roteiro*

balneário – tiveram boa recepção, ainda que nenhum dos três teve uma segunda edição. Uma pergunta inevitável é como, entre 1937 e 1942, ou seja, do ano da sua chegada ao ano da publicação de *Congonhas do Campo* e de *Roteiro balneário*, Casais cobriu as despesas que gerava viajar por todo o Brasil. A publicação de um perfil de José Casais pela revista *Vida Doméstica* em maio de 1940, justo após o lançamento de *Un turista en el Brasil*, permite saber que, pelo menos até essa data, o próprio Casais custeou os gastos durante as viagens; salienta esse periódico que os deslocamentos que derivaram na elaboração do livro foram feitos a expensas de Casais “ajudado apenas pela facilidade do sentimento hospitaleiro da gente com a qual conviveu no interior” (*Vida Doméstica*, 1940, p. 58).

No prólogo mencionado, Nascentes (1940, p. 11), referindo-se a Casais, expressara que “acontecimentos que durante mais de dois anos ensanguentaram a Espanha, privaram-na de tão prestimoso auxiliar”. Para entender por que o adido comercial adjunto da Embaixada de Espanha em Buenos Aires abandonou o cargo e refugiou-se no Brasil, recorreu-se à entrevista concedida por Casais ao diário carioca *A Noite* (*A Noite*, 1937, pp. 1–4), publicada no dia 9 de dezembro de 1937, quando já levava alguns meses no Brasil, com estadias prolongadas nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador, tendo podido também explorar, como turista, o curso do Rio São Francisco, desde Juazeiro, no Estado de Bahia, até Pirapora (Estado de Minas Gerais). Nessa entrevista, acerca da causa de Casais ter chegado ao Brasil, é exposto o seguinte, a modo de apresentação, pelo anônimo entrevistador:

Há anos, porém, o professor José Casais abandonou a sua cátedra para ingressar na carreira diplomática, sendo designado para o lugar de conselheiro comercial junto à Embaixada da Espanha em Buenos Aires.

Nesse posto veio a encontrá-lo a revolução em que se debate a sua gloriosa Pátria. Como diplomata, entendeu ele que se não devia imiscuir em política.

O governo vermelho, entretanto, enviou-lhe, certa vez, um questionário para responder. Era, nada mais, nada menos, do que uma profissão de fé comunista, o que se lhe exigia. Homem de cultura, professando doutrina contrária àquela ideologia dissolvente, recusou-se a responder o questionário e foi, por isso, destituído do cargo.

Espírito inquieto, estudioso, ávido de emoções novas, resolveu empreender uma viagem pelo interior do Brasil, que já conhecia de passagem e que sempre o atraía pela sua grandeza e pela variedade da sua natureza. (*A Noite*, 1937, pp. 1–3)

Essa apresentação de Casais transmite que o ex-adido quis que se divulgasse o relato de que ele se negar a servir a um governo republicano comunista. Um mês antes da publicação da entrevista, fora proclamado no Brasil o Estado Novo, justificado como uma reação a uma conspiração – o Plano Cohen – que pretendia estabelecer um regime comunista no país. Contudo, a argumentação de Casais reproduzida na entrevista obviava que, desde fevereiro de 1936 governava na Espanha um Frente Popular e que, após a sublevação em julho desse ano, ele se mantivera leal ao governo republicano; isto é, Casais não justificou por que, durante os primeiros meses da guerra, ele continuou servindo a esse governo nem aludiu aos motivos pelos quais, tendo podido permanecer

na Argentina colaborando com os interesses diplomáticos do bando sublevado, preferiu se mudar ao Brasil e percorrer o país como um turista. Com vistas a deslindar essas questões, foram observados os dados que, sobre Casais, reuniu Manuel Cachón Cadenas no capítulo “Desventuras de José Casais Santaló, primer traductor español de Chioventa” (Cachón, 2012, pp. 233–306).

Mediante uma pesquisa documental e recorrendo aos testemunhos de dois sobrinhos de Casais, Cachón elaborou uma muita pormenorizada biobibliografia, com ênfase na sua contribuição à história da doutrina processual espanhola. Escolheu, para o título, o vocábulo “desventuras” devido aos infortúnios que Casais teve que enfrentar, desde as severas críticas, na Espanha, na década de 1920, à sua tradução ao castelhano dos *Principii di diritto processuale civile*, de Chioventa, até a sua destituição do cargo de adido comercial pelo Governo da II República e pelo regime franquista da embaixada espanhola em Buenos Aires. O primeiro governo a destituí-lo foi o da II República, aos 14 de janeiro de 1937, apesar de Casais ter mantido a sua lealdade, colaborando ao estourar a guerra, com o governo republicano. Após essa destituição, em maio desse ano, Casais colocou-se à disposição do bando sublevado, que o recusou, sendo oficialmente afastado do serviço ao Estado nacionalista em 10 de fevereiro de 1938, após um processo em que estava incluído um relatório de um representante da Espanha franquista em Buenos Aires em que se apontava que Casais, “En la actualidad se dedica al ameno turismo en el Brasil” (Cachón, 2012, p. 293). Sobre as exonerações de Casais, Cachón conclui que:

En resumidas cuentas, sabemos que los motivos por los que el Gobierno de Franco no sólo rehusó los servicios que le ofrecía Casais, sino que impuso a éste la sanción mencionada, consistieron en el hecho de que Casais se mantuvo leal al Gobierno de la República en los primeros meses de la guerra, llegando a desempeñar delicadas misiones al servicio de la República española en Latinoamérica.

Por el contrario, no conocemos las causas por las que Casais fue sancionado también por el Gobierno de la República. En uno de los informes conservados en el expediente de responsabilidades políticas incoado contra Casais, se alude a “las pocas simpatías de que gozaba” Casais en el bando republicano. Pero no hay más datos, por lo que es arriesgado hacer conjeturas al respecto. Tal vez, atendiendo al hecho de que José Casais tenía un hermano, Javier, que era un alto dirigente de Falange Española, las autoridades republicanas abrigaran sospechas sobre la lealtad de José Casais. (Cachón, 2012, p. 292)

No pós-guerra, o regime franquista, por meio do Ministério de Indústria e Comércio, iniciou contra Casais um processo de responsabilidades políticas. Cachón analisou esse processo, autuado em 1941, que derivou em uma pena, pelo Tribunal Nacional de Responsabilidades Políticas, em 11 de abril de 1945, de cinco anos de inabilitação especial para cargos públicos e ao pagamento de uma multa de dez mil pesetas; Casais não efetuou esse pagamento e a condenação foi extinta em 14 de março de 1952. Outro processo aberto contra Casais partiu de uma dívida que ele mantinha com o Instituto Nacional de la Vivienda da Espanha; esse processo foi resolvido, no final da

década de 1940, mediante o leilão de um imóvel do que era proprietário Casais em Madri; a respeito, Casais apelou em 1963 ao Tribunal Supremo o qual sentenciou em 18 de janeiro de 1965 que, em compensação, o Ministerio de la Vivienda devia construir para Casais uma casa ou um chalé.

Infere-se que esses processos na justiça da Espanha, especialmente o de responsabilidades políticas, fizeram com que Casais evitasse retornar ao seu país, permanecendo, assim, no Brasil. Por outro lado, deve-se levar em consideração que aos 22 de agosto de 1942 o Brasil declarou a guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista, o qual, na prática, eliminava o planejamento e o fomento do turismo, tanto o internacional quanto o interno, das prioridades do Estado brasileiro. O próprio Casais deixou de ser um turista; passou a investir em diversos negócios, incluindo os imobiliários nos estados de Espírito Santo e Minas Gerais e, na década de 1950, dedicou-se à docência, em Barbacena, Estado de Minas Gerais, na Escola Preparatória de Cadetes do Ar da Força Aérea Brasileira. Além do mais, no final da década de 1940, retomadas as rotas do transporte transatlântico, o Brasil, na Europa, não era enxergado como um destino turístico, mas como o país escolhido por centenas de milhares de trabalhadores europeus que desejavam emigrar.

A partir da década de 1960 Casais começou a passar estadias nas Ilhas Canárias, concretamente em Santa Cruz de Tenerife, onde residia o seu irmão, mas nunca retornou à Galiza. O livro que, segundo a acima mencionada matéria sobre a vista de Casais à ABL (Jornal do Comercio, 1940, p. 10), ele pretendia elaborar após o lançamento *Un turista en el Brasil*, ou seja, um livro sobre “O Brasil como potência mundial”, nunca foi publicado. No entanto, outro galego, Antonio Meijide Pardo, quem nunca residiu no Brasil, publicou em 1955, em Santiago de Compostela, uma obra – *Brasil, la gran potencia del siglo XXI* (Meijide, 1955), reeditada em 1957, que respondia às pretensões de Casais, isto é, um estudo da estrutura geoeconômica do Brasil, densamente documentado, em que se apontassem as melhores possibilidades de investimento no país. Trata-se de uma obra que, no entanto, não tomou como referência os trabalhos de Casais.

3. Os critérios de José Casais acerca do turismo

O discurso dos livros *Un turista en el Brasil*, *Congonhas do Campo* e *Roteiro balneário*, do folheto *Lambari: a cidade das águas virtuosas* e das reportagens publicadas por Casais na imprensa no início da década de 1940 mostra que o autor não só procurava descrever e registrar fotograficamente os espaços que visitava, expressando o que ele vivenciava como turista; ele também, por meio da pesquisa documental e da pesquisa de campo, incluindo entrevistas a agentes locais, visou a expor convincentes possibilidades de uma mais adequada exploração turística desses destinos. Esse critério e essa atitude – esse *habitus* – de Casais é compreensível levando em consideração a formação acadêmica e a trajetória laboral exposta no item acima. Em consequência, ainda que Casais se autorreconhecesse e se apresentasse como um turista distinto, agia, na realidade, como um investigador, um analista do turismo, ou seja, como o profissional que, neste século, é designado como turismólogo (Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2012).

Comparativamente, do corpus sobre turismologia de Casais, examinando as matérias a respeito na imprensa após os lançamentos, o trabalho de maior impacto é o primeiro dos livros publicados, *Un turista en el Brasil*, embora nunca tenha sido publicada a sua versão em português, conforme projetava no final de 1937, quando comunicou que tinha iniciado a confecção da obra (A Noite, 1937, p. 3). Por sua vez, *Congonhas do campo* é um complemento do anterior livro, pois, segundo registrou Casais na justificativa dessa segunda obra, quando escreveu *Un turista en el Brasil*, apesar de já ter percorrido como turista 20.000 quilômetros do Brasil, não tinha visitado essa cidade mineira e, portanto, não pôde escrever acerca dela. *Roteiro balneário* é um monográfico sobre as estâncias hidrominerais do Estado de Minas Gerais, com destaque para seis delas: Poços de Caldas e Araxá, com águas sulfurosas e térmicas, e Caxambu, Cambuquira, Lambari e São Lourenço, com águas alcalinas carbogásicas.

No item anterior foi apontado o reconhecimento que, na cidade de Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, Casais obteve a respeito das fotos que ele tirou nos lugares que visitara. Esse sucesso animou Casais a conceber *Congonhas do Campo* de uma forma diferente, sendo um livro, sobre essa cidade colonial mineira, de 73 páginas ilustradas por 75 fotografias. Em consequência, Casais acreditou que o que ele enxergou como turista podia ser expresso mediante fotografias comentadas; ele apresentou o seu novo livro como se segue:

Para integrar meu caderno de fotografias de Congonhas do Campo, escrevi as páginas seguintes. Com elas não quis compor monografia histórica da cidade dos “Profetas” nem estudo crítico das obras de Aleijadinho. Não aspiro a tanto. Tampouco se apresentam como simples guia de turistas apressados. Refletem minhas impressões de viajante e esclarecem as gravuras, parte essencial da obra. (Casais, 1942a, p. 5)

Ainda que nos três livros Casais exponha a sua compreensão do fenômeno turismo, observa-se a evolução do seu posicionamento perante o que ele observa, de tal modo que do sujeito que, em *Un turista en el Brasil*, registra as suas impressões de viagem, passa-se, em *Roteiro balneário*, ao discurso de um agente que atua profissionalmente como um examinador de complexos turísticos e que, inclusive, indica como as explorações poderiam ser aprimoradas. Nesse sentido, no gênero de *Roteiro balneário* combinam-se os traços de um livro técnico com as características de um manual para usufruir o turismo de repouso. Por um lado, são indicadas as propriedades das águas dos balneários, sendo reproduzidos quadros com as análises da água das fontes; por outro, o autor explica como aproveitar adequadamente, nesses balneários, os elementos auxiliares – clima, alimentação, repouso, dieta, distrações, mudança do regime habitual de vida – para que o aguista restabeleça a sua saúde.

A seguir, foca-se, portanto, para a compreensão do posicionamento de Casais perante o turismo, unicamente *Un turista en el Brasil*. No prefácio dessa obra, Casais frisa que o Brasil é um país seguro para percorrer, no qual o turista está sempre amparado pela hospitalidade local, o livro é apresentado como uma simples publicação com impressões de viagem:

Apuntes de mis cuadernos de viajes. Impresiones recogidas, al pasar, sin adendas ni retoques. Declaraciones auténticas de lo que vi. Exposición rápida, a veces atropellada, a saltos, para llegar antes. Como los viajes. Sacrificio de lo literario por lo verdadero. Sinceridad. Esa idea, convertida en norma, me preocupó hasta la obsesión. Que mi libro no fuese un catálogo más de aventuras inverosímiles. Por respeto al Brasil y por respeto a mí mismo. El título responde exactamente, en su vulgaridad deselegante, al contenido de la obra. (Casais, 1940, p. 13)

Essa declaração, em que Casais enuncia que se limitou a narrar o que viu, é completada no miolo no texto. No capítulo terceiro, dedicado a Minas Gerais, especifica que, segundo ele, devem ser reconhecidas duas categorias de turismo: o turismo superficial, próprio dos forasteiros de férias “que se contentan con las impresiones efímeras de la belleza sensible” (Casais, 1940, p. 146), e o turismo, então, contemporâneo, do qual faziam parte os viajantes “que no desperdician un solo lugar de la ruta sin hacer apreciaciones de los valores espirituales del país y de sus fuerzas económicas” (Casais, 1940, p. 146). A diferenciação assinalada por Casais vem ao encontro do que tinha declarado na mencionada entrevista concedida em dezembro de 1937. Nela, por um lado, justificou como se segue por que o atraía o interior do Brasil:

Já dei a volta ao mundo três vezes e não encontraria em parte alguma senão coisas velhas e revistas para me deleitar os olhos e o espírito. Por isso resolvi viajar pelo interior deste grande e rico país. Não me arrependo disso. (A Noite, 1937, p. 3)

Por outro, tinha destacado o que o atraía quando viajava: “Interessava-me, sobretudo, a economia e a antropologia, que, há anos, estudara nos livros com viva curiosidade. Em meus postos nas embaixadas em que servia, solicitava sempre a colaboração de meus colegas brasileiros” (A Noite, 1937, p. 3).

O discurso de *Un turista en el Brasil* mostra, no entanto, que Casais, para a elaboração da obra, tinha assumido ambas as categorias de turismo, o turismo superficial e o turismo moderno. Essa compatibilização, no primeiro capítulo, dedicado ao Rio de Janeiro, é mostrada quando, Casais, depois de expor, da sua posição de comprazido observador, a modernidade do urbanismo da cidade e a beleza da sua arquitetura e de descrever os monumentos, insere o relato de uma visita a uma favela – o Morro do Salgueiro, no bairro da Tijuca, no que, na história do turismo, supõe a incorporação das favelas aos itinerários, ao Casais ponderar que também faz sentido que o turista conheça como são a habitação e a cotidianidade dos trabalhadores.

O segundo capítulo é dedicado à cidade de Salvador, na Bahia, aonde não informa como chegou. Deve-se frisar que *Un turista en el Brasil* não recebeu a estrutura de um itinerário turístico contínuo, não explicitando, às vezes, o autor como realizou os seus deslocamentos. Como fizera em relação ao Rio, destaca de Salvador o seu urbanismo e a arquitetura, mas, comparativamente, focou muito mais o campo econômico da cidade, referindo-se à exploração do petróleo, do tabaco e do cacau, como atividades fundamentais da economia baiana, e à pesca artesanal e ao comércio ambulante e

visitando a Bolsa de Valores e os institutos do tabaco e do café. Além disso, em Salvador, Casais foi atraído pela cultura afro-brasileira, o qual o levou a pesquisar na cidade o sincretismo religioso afro-brasileiro e a participar em cerimônias em 20 terreiros de candomblé.

De Salvador, Casais desloca-se a Belo Horizonte. O capítulo terceiro é dedicado a essa travessia, apresentada como uma experiência turística em si. Ou seja, se nos dois anteriores capítulos, Casais se referira a duas cidades – Rio de Janeiro e Salvador, agora expõe que o objetivo do turismo, ademais dos destinos, pode ser a viagem até um lugar. De Salvador irá de trem até Juazeiro, ainda na Bahia; fará, de navio, pelo Rio São Francisco, o percurso de 1.371 km entre Juazeiro e Pirapora, já no Estado de Minas Gerais, e completará, de trem, a viagem de Pirapora a Belo Horizonte. Assim, o capítulo centra-se, sobretudo, na exposição de como uma travessia fluvial constitui uma experiência turística recomendável, na qual o viajante pode desfrutar da paisagem ribeirinha, observando a fauna e a flora, e pode observar o modo de vida dos tipos humanos assentados às margens do rio, reparando na economia e, em particular, nas dinâmicas do comércio.

Ao Estado de Minas Gerais é dedicado o quarto capítulo; trata-se de um estado qualificado por Casais como turístico por excelência (Casais, 1940, p. 146) devido à combinação entre clima ameno, paisagens belas, a prática da caça e da pesca fluvial, modernos balneários, cidades agradáveis, a arte nas cidades coloniais, a riqueza mineralógica e o desenvolvimento industrial e agropecuário. Fiel à sua definição da categoria de turismo moderno, incorporou, entre os lugares visitáveis pelo turista, um presídio modelo – a Penitenciária Agrícola de Neves, perto da capital mineira, sobre o qual faz a seguinte ponderação:

Si tuviese que decir la impresión más inolvidable de mis andanzas por Belo Horizonte, pensaría, sin vacilar, en la Colonia Penitenciaria de Neves, situada a pocos kilómetros de la ciudad vergel. Interesa a todos la gran obra de Neves, especialmente a los extranjeros poco conocedores de las cosas del Brasil y, sobre todo, a aquellos que se interesen por el progreso educacional de la Nación. (Casais, 1940, p. 149)

O *habitus* de Casais fez com que, em Minas, no município de Ponte Nova, ele visitasse fazendas de café, cana de açúcar e arroz, e usinas de álcool. Em Viçosa, visitou a Escola Superior de Agricultura e, em Teófilo Ottoni, lavras de pedras semipreciosas, interessando-se pela sua lapidação e o seu comércio. O seguinte capítulo é dedicado ao Estado de Goiás e, por nele constar o único paralelismo entre uma cidade brasileira – a Cidade de Goiás – e uma cidade galega – Santiago de Compostela – será, neste artigo, abordado no último item. Encerra-se *Un turista en el Brasil* com um capítulo dedicado ao Estado de Espírito Santo, a cuja capital – Vitória – chega de navio desde o Rio de Janeiro.

Para descrever o Estado de Espírito Santo, Casais registra dados estatísticos sobre a sua produção agropecuária, pois ele julga que podem ser de interesse para possíveis turistas que queriam, previamente, conhecer os índices de progresso desse estado. Após descrever a capital, desloca-se até o município Colatina, onde embarcará para, no Rio

Doce, empreender uma longa travessia fluvial como fizera no Rio São Francisco. O Rio Doce, para Casais:

...presenta en grado superlativo todos los valores estéticos y económicos armonizados. Belleza natural, bárbaramente natural e insospechada. Valores económicos También casi vírgenes. Panoramas espléndidos. Lindas poblaciones. Motivos históricos y etnográficos. Gentes cordiales y acogedoras. Autoridades celosamente empeñadas en la prosperidad y progreso de la región. Los bosques imponentes. (Casais, 1940, p. 211)

Casais desembarca em Linhares, de onde empreenderá o regresso a Belo Horizonte. Durante o percurso, visitará uma fazenda de cacau, assistirá à inauguração de uma rodovia, conhecerá a indústria do beneficiamento da mica em Governador Valadares, já em Minas Gerais, e, na cidade Presidente Vargas, a indústria dos chapéus de fibra de indaiá. Antes de alcançar Belo Horizonte, na região entre Presidente Vargas, Monlevade e Morro Grande, repara na extração de mineral de ferro e refere-se à indústria siderúrgica; chegando à capital mineira, via Sabará, expressa “Más adelante Sabará, la inolvidable. ¡Belo Horizonte! Con los brazos abiertos, en perenne invitación” (Casais, 1940, p. 233), encerrando, com esse epifonema, *Un turista en el Brasil*.

Embora Casais não tenha pretendido compor um tratado de turismo, por meio de *Un turista en el Brasil* exemplificou, de fato, o que ele concebia como o turismo moderno. Na cidade do Rio de Janeiro e nos estados de Bahia, Minas Gerais, Goiás e Espírito Santo contemplou paisagens, visitou o patrimônio histórico e artístico, desfrutou da gastronomia e flanou nos bairros, aventurando-se, também, em excursões fluviais, isto é, praticou o turismo superficial, segundo a categorização adotada por ele. No entanto, simultaneamente pôs em prática o turismo contemporâneo – o turismo moderno, que demandava a inclusão de excursões instrutivas para a compreensão do modo de vida do povo, dos seus traços identitários e da infraestrutura, incorporando-se, por conseguinte, aos itinerários turísticos, a visita às favelas, a terreiros de candomblé, a centros penitenciários, fazendas, usinas, fábricas e instituições acadêmicas.

4. A Cidade de Goiás: a Compostela brasileira

Com relação a Goiás, é patente que Casais fez escolhas que criam um muito significativo diferencial. Nesse sentido, a primeira escolha foi incluir esse estado brasileiro em um livro de viagem. Até *Un turista en el Brasil*, embora desde o séc. XIX Goiás tivesse sido visitado e descrito por uma dezena de pesquisadores estrangeiros (Quintela, 2023), o estado não tinha sido contemplado como um destino turístico. A sua segunda escolha diz respeito à seleção dos municípios que, de uma perspectiva turística, seriam analisados. Frente aos outros estados percorridos por Casais, em que ele visitou várias localidades, em Goiás, um território, então, com 747.311 km², ele só visitou um município. Casais não mencionou Goiânia – a cidade que estava sendo construída como a Nova Capital do estado – nem Pirenópolis – a segunda, em importância, cidade colonial goiana, com um rico patrimônio histórico e artístico e com um estimável valor ambiental. Mencionou de passagem Anápolis, ao ser a cidade em que tinha desembarcado do trem

que o transportara até Goiás partindo do Triângulo Mineiro, e atentou-se unicamente para a Cidade de Goiás, a antiga capital do estado, incluindo o seu distrito Leopoldina, atual Aruanã, no encontro dos rios Vermelho e Araguaia.

A Goiás e, precisamente, à Cidade de Goiás, é dedicado o penúltimo capítulo de *Un turista en el Brasil* (“Quinta Parte – Goyaz”); é, comparativamente, o mais breve, somando treze páginas e sete fotografias. Todavia, é nesse capítulo onde consta a mais enigmática ponderação no discurso de Casais: o paralelismo estabelecido entre a Cidade de Goiás e Santiago de Compostela. Eis essa exposição:

La primera impresión que recibe el forastero, al atravesar las calles que le conducirán al hotel, es de respetuosa solemnidad. En Goyaz debe entrarse descubierto. Como en Santiago de Compostela, la bien llamada Atenas de Occidente. Siento los motivos de comparación de las dos ciudades. Ante la belleza evocadora de Goyaz – por su arte y por su estilo, por su nobleza y por sus blasones sigue siendo Santa Ana y Vila Boa – ¿quién se acuerda de las incomodidades del viaje? París bien vale una misa. (Casais, 1940, p. 193)

No decorrer da sua estadia de uma semana, Casais contempla a paisagem do entorno do vale em que se situa a antiga capital goiana e passeia pelas ruas da cidade observando o modo de vida dos hospitaleiros habitantes. Elogia a arquitetura colonial, a cultura e o refinamento das famílias tradicionais e a atmosfera senhorial que a cidade conservava. Aponta no seu texto ou registra fotograficamente espaços e monumentos que, na atualidade, estão tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e são atrações para o turismo na cidade, mas que, no momento da publicação de *Un turista en el Brasil*, eram só amostras da antiguidade da velha capital: as ruas empedradas, as casas antigas e os sobrados, o mercado, as pontes sobre o Rio Vermelho, as praças, um convento, uma igreja, um palácio.

Na Cidade de Goiás, Casais não pretendeu ser um visitante anônimo em nenhum momento. Ao chegar, dirigira-se ao periódico *Cidade de Goiaz*, o qual, no dia 11 de dezembro de 1938, anunciou a sua estadia na cidade, apresentando-o como professor da Universidade de Santiago de Compostela e como um estudioso do turismo (*Cidade de Goiaz*, 1938, p. 1). Esse reconhecimento pelo principal periódico vilaboense fez com que Casais fosse convidado para a solenidade de entrega de diplomas aos formandos do liceu. A cerimônia foi seguida de um baile, assim descrito:

Cerrada la solemnidad académica, organizose el baile. En las presentaciones de que fui objeto, siempre la fina educación de aquellos caballeros tuvo frases sentidas – que agradecí como nunca – para España. En sus conversaciones conmigo demostraron conocer las cosas de mi país, sobre todo su literatura e historia, con suficiencia e interés incommunes.

Las animadas charlas continuaron en un salón contiguo. Agraciadas señoritas obsequiaban a los invitados con las delicias de un buffet ricamente surtido de emparedados, pasteles, dulces y frutas – ¡oh las uvas y las mangas de Goyaz! – y de bebidas para todos los paladares. (Casais, 1940, p. 193)

Essa formatura foi a última atividade na Cidade de Goiás em que interveio Casais; de lá partiu para o distrito de Leopoldina, onde participaria em pescarias e conheceria a forma de vida dos índios Karajá. Nos municípios visitados por ele na Bahia, em Minas Gerais e no Espírito Santo, ele tinha posto em prática a sua compreensão da categoria turismo moderno; no entanto, estando na Cidade de Goiás ele não planejou a ida a fazendas para observar a exploração agropecuária na região nem, segundo o discurso lavrado, se interessou pelo comércio local. Assim, como se pode observar no parágrafo a seguir em que Casais sintetizou o seu modo de agir durante a semana em que permaneceu na antiga capital goiana, ele preferiu flunar pelas ruas da cidade e, contestando a modernidade, refletir sobre o tipo de sociedade que ele defendia e em que ele se reconhecia e que fez, em Goiás, com que ele evocasse a cidade em que nascera:

Se me fueron los días pasando y repasando ruas empedradas con grandes piedras “que no se derriten al calor ni apestan a asfalto reblandecido”. Las casas son blancas y pulcras. No hay rascacielos. Cada familia tiene un nombre y no un número. La personalidad se conserva y se destaca. Como antaño. Señoras. Señores. Muchachas bonitas que llevan en sus rostros el signo de una educación tradicional, jamás interrumpida. En Goyaz la familia no es suma de individuos sino entidad coherente que mantiene el tesoro de una raza y de una historia. (Casais, 1940, pp. 193–194)

5. Considerações finais

A partir da instauração do Estado Novo, em novembro de 1937, a adoção de medidas extremas para garantir a segurança nacional conduziu, em 1938, à promulgação dos decretos-lei 383 e 406. O primeiro dispunha que os estrangeiros não podiam “exercer qualquer atividade de natureza política nem imiscuir-se, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do país” (Brasil, 1938a); o segundo, vetava a entrada no país de estrangeiros “de conduta manifestamente nociva à ordem pública, à segurança nacional ou à estrutura das instituições” e de estrangeiros “condenados em outro país por crime de natureza que determine sua extradição, segundo a lei brasileira” (Brasil, 1938b). Compreende-se, assim, nessa circunstância repressiva, a desarticulação das associações dos imigrantes e que os galegos presentes no Brasil evitassem se posicionar politicamente e se manifestar no tocante à Guerra Civil espanhola e ao regime varguista.

José Casais chegou ao Rio de Janeiro, procedente de Buenos Aires, após ter sido destituído do serviço público pelo governo da II República e após ter sido recusado pela diplomacia do bando sublevado. Durante os cinco primeiros anos da sua permanência no Brasil, de meados de 1937 a 1942, mostrou estar desligado de quaisquer questões relativas aos enfrentamentos e à política na Espanha e fez turismo, incorporando aos roteiros as bacias dos rios São Francisco e Doce, as cidades históricas mineiras e a antiga capital do Estado de Goiás. Todavia, não se limitou a viajar por prazer; transmutando-se em sociólogo, tomou para si e aplicou a noção do que ele denominava turismo contemporâneo ou moderno, fazendo, das viagens, oportunidades para, além de se recrear e praticar o lazer, também conhecer *in loco* a história, a economia e a identidade dos locais e das comunidades que visitava. Nos seus textos publicitou a sua experiência como um

viajante que combinava o turismo superficial e o turismo moderno, sendo o pioneiro em apontar que as viagens pelo interior de Brasil podiam ser objeto do turismo e não só destinos ou práticas para sertanistas, investidores, naturalistas ou missionários.

Ao se deparar com a Cidade de Goiás, Casais, no entanto, deixou de ser o turista reflexivo e estudioso que, com ênfase na economia, prestava atenção aos campos sociais dos locais que visitava para, a seguir, com fundamento, poder emitir o discurso esperado do turista moderno que ele tinha decidido encarnar. Excepcionalmente, na Cidade de Goiás ele não se interessou nem pelas atividades comerciais nem pela agropecuária do município e também não procurou traços diferenciais, ainda não suficientemente destacados em análises e relatos, da sua identidade. Na antiga capital goiana, Casais agiu como um flâneur, preferindo perambular, admirar a estética da cidade e participar em uma cerimônia escolar da elite local. A respeito, criou um relato que transmitia que, na Cidade de Goiás, preferiu deixar-se embalar por sensações e sentimentos que o conduziram a perceber e declarar que ele se sentia a gosto em um local ordenado e pitoresco e no meio de uma sociedade tradicional e conservadora; esse local e essa sociedade, por sua vez, fizeram com que ele evocasse a sua cidade natal, Santiago de Compostela.

A comparação entre a Cidade de Goiás e Santiago de Compostela foi aceita e explorada como *argumentum ab auctoritate* por agentes da sociedade vilaboense (Couto, 1939; Monteiro, 1940; Gomes Filho, 1940; Cidade de Goiaz, 1941, p. 1; Cidade de Goiaz, 1949, p. 1), já que valorizava o município e contradizia o discurso que, na década de 1930, fora propagado com sucesso para justificar a mudança da capital goiana a uma cidade moderna – Goiânia. Nesse sentido, aplicando as ponderações de Urry (2001), cabe indicar que o olhar de Casais contribuiu para confirmar a pertinência das constantes do modo de vida da comunidade vilaboense e para reforçar as identidades afetivas da cidade. Por outro lado, o acerto da visão de Casais sobre o patrimônio vilaboense foi referendado em 1978 quando o IPHAN (2014) tombou o conjunto arquitetônico e urbanístico do centro da antiga capital e, em 2001, quando esse centro histórico foi declarado, pela Unesco, Patrimônio Mundial (Unesco, 2001). Dessa forma, pode-se sintetizar a visão de Casais sobre a Cidade de Goiás em dois adjetivos: acurada, pois ratificada, e anacrônica, pois à frente do seu tempo.

Referências

- Amador Sánchez, L. (1944). *El llanto de los hombres*. Letras Editora Continental.
- A Noite. (2015, 12 de janeiro). *Conferências – No Salão Mussolini (1941, 11 de julho)*. http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/9801
- A Noite. (2015, 12 de janeiro). *Conferências – Un paseo por la España literaria (1940, 31 de julho)*. http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/3790
- A Noite. (2015, 12 de janeiro). *El Cid (1940, 6 de dezembro)*. http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/6014
- A Noite. (2015, 12 de janeiro). *Exposição de arte espanhola (1940, 29 de setembro)*. http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/4824
- A Noite. (2015, 12 de janeiro). *Movimento artístico e literário (1950, 4 de janeiro)*. http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/38

- A Noite. (2015, 12 de janeiro). *No cenário maravilhoso do Rio São Francisco (1937, 9 de dezembro)*. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/348970_03/49873
- A Noite. *Notícias de Minas (1940, 30 de agosto)*. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/348970_04/4311
- A Noite. (2015, 12 de janeiro). *Uma voz da Hespanha eterna – De Las Casas ao microfone da Rádio Nacional (1937, 20 de fevereiro)*. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/348970_03/40492
- Araújo, N. de. (1987). *Três novelas do povo baiano*. Ianamá.
- Arquivo Público do Estado de São Paulo, Acervo DEOPS. (2024). *Ficha de Domingo Rex*. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSS_PD004255.pdf
- Cachón Cadenas, M. (2012). Desventuras de José Casais Santaló, primer traductor español de Chiovenda. In *Historias de procesalistas, universidades y una guerra civil (1900–1950)*. Editorial Dykinson. <http://hdl.handle.net/10016/14588>
- Câmara dos Deputados. (1938a). *Decreto-Lei n. 383, de 18 de abril de 1938. Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Câmara dos Deputados. (1938b). *Decreto-Lei n. 406, de 4 de maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-norma-pe.html>
- Casais, J. (s.d.). *Lambari: a cidade das águas virtuosas*. Franz Timon.
- Casais, J. (1940). *Un turista en el Brasil*. Franz Timon.
- Casais, J. (1942a). *Congonhas do campo* (A. da M. M. Filho, Trad.). Franz Timon.
- Casais, J. (1942b). *Roteiro balneário* (A. da M. M. Filho, Trad.). Gráficas de “Vida Doméstica”.
- Casais, J. (1943). *Congonhas do campo e a sua tradição religiosa*. *Vida Doméstica*. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830305/36709>
- Casais, J. (1963). *O champagne e... os “champagnes”* (I. Becker, Trad.). Livraria Nobel.
- Cidade de Goiaz. (2015, 12 de janeiro). *O patrimônio histórico e a Cidade de Goiás (1949, 24 de julho)*. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/800139x/1465>
- Cidade de Goiaz. (2015, 12 de janeiro). *Professor José Casais (1938, 11 de dezembro)*. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/843679/89>
- Cidade de Goiaz. (2015, 12 de janeiro). *Um propagandista de Cidade de Goiaz (1941, 9 de novembro)*. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/800139x/325>
- Correio de S. Paulo. (2015, 12 de janeiro). *Em prol das relações hispano-brasileiras (1937, 23 de fevereiro)*. https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/720216/per720216_1937_01432.pdf
- Costa, L. (1943). *Cidadão do mundo*. Livraria José Olympio Editora.
- Couto, G. do. (1939). *Goiaz: estância de repouso e centro de turismo*. *Cidade de Goiaz*. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/843679/109>
- D’Azevedo, J. S. (1936). *Espanha em sangue... – o que vi e sofri*. Cruzada da Boa

- Imprensa.
- Diário de Pernambuco. (2015, 12 de janeiro). *A antiga poesia galega (1937, 27 de junho)*. http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/25024
- Diário de Pernambuco. (2015, 12 de janeiro). *Os poetas gallegos de hoje (1937, 10 de outubro)*. http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/26421
- Fernández Cuesta, R. (1941). *El Cid o el alma de Castilla*. [s.n.].
- Fernández Rubio, J. A. (2022). Domingo Rex Muñoz: literatura y magisterio. *Alberca: Revista de la Asociación de Amigos del Museo Arqueológico de Lorca*, 20, 267–309. http://www.amigosdelmuseoarqueologicodelorca.com/alberca/pdf/alberca20/12_2_0.pdf
- Fundação Getúlio Vargas. (2015, 12 de janeiro). *Carta de Francisco Franco a Getúlio Vargas agradecendo o envio de sacas de café e de açúcar para suas tropas. Salamanca (Vol. XXIV/44)*. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/arquivo-pessoal/GV/textual/carta-de-francisco-franco-a-getulio-vargas-agradecendo-o-envio-de-sacas-de-cafe-e-de-acucar-para-suas-tropas-salamanca-vol-xxiv-44>
- Gattaz, A. C. (1996). *Braços da resistência*. Ed. Xamã.
- Gomes Filho, J. (1940). Goiaz, “Ciudad de plata”. *Cidade de Goiaz*. <http://memoria.bn.br/DocReader/800139x/43>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1950). *Censo demográfico*. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2014). *Goiás (GO)*. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/362/>
- Jornal do Brasil. (2015, 12 de janeiro). *Diversas notícias (1938, 13 de janeiro)*. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_05/81889
- Jornal do Commercio. (2015, 12 de janeiro). *Visita do escritor hespanhol José Casais (1940, 7 de abril)*. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568_13/1246
- Las Casas, Á. de. (1937). *Espanha (Gênese da revolução)*. A Noite.
- Meijide Pardo, A. (1955). *Brasil, la gran potencia del siglo XXI*. Porto y Cia.
- Ministério das Relações Exteriores. (1943). *Relatório. Ano de 1938*. Imprensa Nacional. https://www.funag.gov.br/chdd/images/Relatorios/Relatorio_1938.pdf
- Monteiro, N. (1940). *Bandeira da sensibilidade*. *Cidade de Goiaz*. <http://memoria.bn.br/DocReader/800139x/49>
- Nascentes, A. (1934). *Num paiz fabuloso*. Calvino Filho.
- Nascentes, A. (1937). *América do Sul*. Companhia Editora Nacional.
- Nascentes, A. (1940). Prólogo. In *Un turista en el Brasil*. Franz Timon.
- O Jornal. (2025, 12 de janeiro). *Reunião Plenária (1949, 25 de outubro)*. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/110523_04/51789
- Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2012). *Lei n. 12.591, de 18 de janeiro de 2012. Reconhece a profissão de Turismólogo e disciplina o seu exercício*. https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12591.htm
- Quintela, A. C. (2023). De Goiânia à cidade de Goiás. *Goiás + 300*. Edições GOIÁS + 300.

- Revista da Semana. (2015, 12 de janeiro). *A nossa capa (1938, 12 de novembro)*. http://memoria.bn.gov.br/DocReader/025909_03/21670
- Rex, D. (1936). *Através de Espanha y otros ensayos*. Gráfica Paulista Editora.
- Souza, I. I. de. (2001). *República Espanhola: um modelo a ser evitado*. Arquivo do Estado.
- Souza, I. I. de. (2005). *Solidariedade internacional*. A Comunidade Espanhola do Estado de São Paulo e a Polícia Política Diante da Guerra Civil Humanitas.
- Souza, I. I. de. (2006). *Espanhóis: história e engajamento*. Companhia Editora Nacional.
- Unesco. (2001). *Historic centre of the town of Goiás, 2001*. <https://whc.unesco.org/en/list/993/>
- Urry, J. (2001). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. C. E. M. de Moura, Trad., 3ª ed. Studio Nobel – SESC. (original publicado em 1990).
- Venturine, E. (2020). Falange espanhola no Brasil. *Revista Ponto de Vista*, 3(1), 55–62. <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9742>
- Vida Doméstica. (2015, 12 de janeiro). *O Dr. José Casais, notável escritor espanhol (1940, maio)*. <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830305/32136>

[recebido em 13 de fevereiro de 2025 e aceite para publicação em 6 de maio de 2025]